



MAZÉ TORQUATO CHOTIL

NA ROTA DE TRAFICANTES DE OBRAS DE ARTE

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E CAPA: Karina Tenório

REVISÃO: Cláudia Marczak

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C551r CHOTIL, Mazé Torquato. –
Na rota de traficantes de obra de arte / Mazé Torquato Chotil. –
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.
110 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-569-0

1. Romance I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

ARTES PLÁSTICAS ÀS MARGENS DO SENA

Marta é uma pessoa de aparência simples, que gosta de qualidade, mas não de brilho superficial. Aprecia o bom viver, as coisas simples da vida, o essencial e o conforto. Tem cabelos longos, lisos, tênis nos pés, jeans largo e camiseta, sem marca aparente. Pagar caro por uma roupa e fazer propaganda de uma marca? Nem sendo bem paga. Fez estudos de artes plásticas em Paris, na École nationale supérieure des beaux-arts, mais conhecida como “les Beaux-Arts”, na beira do rio Sena, na Cidade Luz, onde viveu cerca de três anos. Tem sempre prazer em rever esta cidade, este país, lugar onde tanto aprendeu. E não somente com as lições de pintura. Descobriu novas formas de viver, de apreender o mundo que conhecia até então. Teve que se virar num país diferente do seu, aprendeu a olhar o seu Brasil de um outro ponto de vista, o do exterior. Pode ser que tenha sido nesses outros aspectos que tenha aprendido muito mais que nos cursos da escola de belas-artes.

Gosta de passear pelas margens do Sena, perder-se nas ruas do Quartier Latin, ver obras de arte, sobretudo pinturas, nas exposições dos diferentes museus, inclusive nas galerias das imediações do Beaubourg, como os franceses chamam, popularmente, o Centre Georges Pompidou. Estilos e épocas diferentes. Sempre sente um imenso prazer nessas andanças.

Pensa em John, esse garoto de olhos castanho-claros, cabelos lisos, pele caramelo, doce como um anjo, que conheceu nos primeiros dias de sua chegada na escola de belas-artes. Por onde andar? Filho de indiana e inglês, morava em Londres quando decidiu vir estudar em Paris. Como desenhava bem! Admirou sua arte e todo ele. Nos primeiros tempos, mantinha-se à distância nas aulas de forma a poder se concentrar no seu trabalho, tanto era incrível como todo o seu ser reagia à presença do camarada de classe!

Muitas colegas também caíram sob seu charme. Talvez por serem dois estrangeiros, entenderam-se bem. Até que um dia ele recebeu uma chamada de Londres e teve que viajar para Bombaim. Viagem sem volta? Nunca mais o reviu. O que teria acontecido com seu belo indo-inglês? Na época, não conseguiu saber, por mais que tenha tentado. Deixou de lado.

Sabia que viver de arte não era fácil, porém quis tentar assim mesmo. Ainda antes de acabar o curso expôs algumas obras na França e no Brasil. Em Paris, não era nenhuma galeria, lugar tradicional, mas um restaurante brasileiro que aceitou mostrá-las nas suas paredes. Não conseguiu vender mais de um quadro nas duas exposições. Ficou até muito feliz em ter vendido um! Inesperado, mesmo se acalentava o sonho de vender um certo número e, por que não, todos? Produzir um quadro leva tempo, desde a reflexão sobre o tema, tê-lo imaginado e depois realizá-lo. Pensava que o que fazia era importante na área das artes, tinha seu valor, mas em seguida tinha que passar inevitavelmente pelo mercado das artes.

Sentia que não teria a coragem de viver de sua arte dessa forma, esperando comprador que não sabia como encontrar, como fazer para ser vista, como sensibilizar o outro sobre seus sentimentos expressos num quadro. Precisava de segurança, ter dinheiro fixo no final do mês. Não porque gastava muito, mas porque tinha gastos fixos e precisava saber que poderia assu-

mi-los. Vida de artista antes da glória, ter que fazer nome, sem saber quanto tempo isso iria durar e sem ter certeza de que o faria, que poderia ser alguém nesse mundo das artes onde já havia tanta gente.

Desejava uma certa estrutura na vida. Compreendeu que a vida de artista, pintora, era um tanto quanto difícil. Decidiu, então, após ter vivido seu “período artístico”, fazer direito, sua segunda opção no vestibular. Formou-se em São Paulo antes de prestar concurso para a Polícia Federal. Trabalhou um tempo no Mato Grosso do Sul antes de integrar “naturalmente”, dois anos depois, a Delegacia de Proteção ao Meio Ambiente e Patrimônio Histórico, na capital paulista.

Gostou dos meios de que dispunha para trabalhar. Uma ligação entre Polícia Civil dos estados, Polícia Federal e Interpol. Porém, sofre com as dificuldades de trabalho, de comunicação existentes entre as equipes, as aduanas... A falta de formação das equipes no sentido de estarem atentas também para as obras roubadas que cruzam fronteiras.

A riqueza do banco de dados da organização internacional, a Interpol, a impressionou. Ele possui informações de objetos de arte roubados e de foragidos internacionais... de 190 países que fazem parte dela. Nele, pode-se fazer uma busca de um quadro roubado por título, nome do autor, e ver as imagens digitalizadas correspondentes. Todas essas informações disponíveis em tempo real às polícias, aos postos de fronteiras, aduanas... do mundo inteiro. Somente no Brasil são mais de 8 mil terminais para que os agentes possam se informar se uma obra de arte que cruza uma fronteira é ou não furtada. Não somente de telas, mas de esculturas, cerâmicas, peças arqueológicas e objetos de ouro e prata...



A ATERRISSAGEM

O avião, vindo de São Paulo, aterrissa no Aeroporto Internacional Charles de Gaulle, na periferia norte de Paris, na cidadezinha de Roissy-en-France, que os turistas não conhecem, só passam pelo aeroporto. Nessa manhã de primavera europeia, 1º de maio, o tempo é cinza e uma neblina fina é constante.

Antes de pegar o trem para Lyon, sede da Interpol onde trabalhará, Marta passa por Paris. Seu colega da Polícia Federal, sediado na embaixada brasileira, que está na mesma missão, trabalhando em ligação com os franceses, vem buscá-la no aeroporto, na porta de saída dos viajantes. Ele deve lhe mostrar os lugares que membros da gangue frequentam e onde atuam, além de tudo que pôde saber do trabalho em comum com a polícia francesa e a Interpol.

O avião estava lotadíssimo, mas sem barulhos particulares de crianças que não conseguem dormir em lugares diferentes, com os ruídos dos motores... O tempo que conseguiu descansar lhe permite estar em forma. Em todo caso, nesses momentos em que a investigação parece decidida, sente algo especial, um clima de constante vigilância, como se tivesse todas as “antenas” de prontidão, sondando tudo, sentindo tudo, vendo tudo.

No corredor, depois da saída do avião, liga o telefone para ver as mensagens recebidas. Aproveita para mudar o horário, sintonizar-se com o tempo local, ou seja, mais cinco horas em

relação ao horário de São Paulo. Deixa o relógio de pulso com o horário de São Paulo. Três mensagens no WhatsApp. Duas profissionais sem relação com a missão. Outra da mãe, que ela se apressa em ler:

Filha querida. Saudades. Chegamos na fazenda, ontem, pela tarde. Devemos ficar por aqui todo o mês de maio. Estamos esperando você, desejamos que não demore muito por aí e consiga vir enquanto estivermos por aqui. Teu pai manda lembranças e pede cuidado no trabalho. Todos perguntam por você, querem te ver, estão com saudades.

A mãe escreve com todas as palavras, não abrevia nada, como ela o faz muitas vezes com determinadas expressões.

Pensa na amiga Betinha, que morava lá e foi sua companheira de brincadeiras pelos tantos cantos que a fazenda proporcionava como lugar de descobertas e de vida.

No portão de saída do aeroporto encontra Paulo, entre um grupo importante de pessoas que esperam um membro da família, um amigo ou um turista neste feriado. Muitos devem ser de agências de viagens ou guias turísticos, já que exibem placas com nomes de pessoas e/ou empresas. A bagagem em “corpo diplomático” e sua passagem pela aduana com passaporte diplomático “Interpol” foi rápida.

Quando vê o colega, tem um sorriso nos lábios. É sempre bom ter alguém nos esperando. Abraçam-se.

– Bom te ver, Marta! Fez boa viagem?

– Com um pouco mais de sono, teria sido melhor. Estarei 100% em forma amanhã, depois de uma noite mais bem-dormida. Quando é que o serviço vai nos pagar viagem em primeira classe? – pergunta.

Riem.

Seguem em direção do *parking*. Nível três? Lugar de pouca poesia, por onde devem seguir na faixa azul, espaço de pedestres. O carro é discreto, simples e confortável. Paulo quer saber novidades do grupo em que Marta trabalha, em São Paulo, onde deixou amigos antes de ser transferido para a Cidade Luz.

Vão seguir diretamente para o lugar que Paulo quer lhe mostrar, onde *péniches* estão amarradas no Sena, nas imediações da Île Saint-Germain, onde o rio dá uma de suas voltas, entre Paris e as cidades vizinhas de Boulogne-Billancourt e Issy-les-Moulineaux. Ela é próxima de uma outra ilha, menor, Île Seguin, que, por muitos anos e até um passado recente, abrigou a indústria de carros Renault. É numa das *péniches* amarradas em suas margens que os negócios de quadros roubados são feitos, entre compradores e vendedores.

Saindo do aeroporto, Paulo pega a autoestrada A3, em direção a Paris. A neblina é constante. O para-brisa faz seu trabalho, vai e vem, num movimento constante, marcando presença, um barulho discreto.

De um lado e de outro da estrada, o verde é ainda mais verde com a humidade. Árvores escondem por um momento os largos conjuntos de habitações populares que na França, ao contrário do Brasil, são alugados. Estradas se cruzam, carros de um lado e de outro das pistas da autoestrada, como se o feriado não fizesse parar os veículos que diariamente correm em direção ao trabalho dos condutores.

– E por aqui, Paulo, como vai?

Ele foi transferido há três anos.

– Gostaria de fazer parte da equipe de Lyon, estar mais próximo da organização geral. Aqui, fazendo esta ponte entre Brasil através da embaixada e o serviço, é um pouco complicado. E se fôssemos mais numerosos, teríamos mais condições de atuação.

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em setembro de 2019.
